Tangara 1(1):5-11, **2001**

ISSN 1518-1723

Tangara – gênero de uns, ainda que nome vulgar de outros!

José Fernando Pacheco[1]

[1] *Rua Visconde de Ouro Preto, 71 ap. 103. Rio de Janeiro, RJ, 22250-180. E-mail: jfpcbc@ax.apc.org*
Pós-graduação em Biologia Animal, UFRRJ, Seropédica, RJ. Bolsista da CAPES.

Abstract
Tangara **- genus of certain birds, but it has been Brazilian vernacular name of another bird genera.** The old generic name Tangara, in despite of unsuspected use, comprises a controversial history. Virtually, all the ancient manuscript sources in Portuguese about natural history of Brazil described 'Tangara', a Tupi indian name, as a bird exactly agreeing with the present Blue-backed Manakin or Swallow-tailed Manakin, both renowed by its elaborate courtship behaviour. The etymology of 'Tangara' is also consonant with the "dancing habits" of these Manakins. Above all, the vernacular name 'Tangará' is still today consistently used in several parts of Brazil to designate these same birds. In this article, I present some evidences to suggest that the present genus *Tangara* as designation for a group of Tanagers is an overlooked continuation of an original mistake, in spite of its validity on nomenclatural grounds.

Key-words: *Tangara*, *Tanagra*, *Chiroxiphia*, Tanager, Manakin, nomenclature, mistake, history, etymology

Palavras-chave: *Tangara*, *Tanagra*, *Chiroxiphia*, Saíra, Tangará, nomenclatura, erro, história, etimologia

Em algum momento, é possível que vocês tenham perguntado (mesmo que apenas a si) porque existiria um gênero *Tangara* – a designar saíras – tão parecido com Tangará, um nome que usamos para chamar certas espécies afamadas por dançarem. Seria mais uma daquelas fortuitas coincidências ou existiria uma razão para essa similaridade? Há algo na história de batismo deste gênero que se conecta com o nosso brasileiríssimo Tangará?

Recebido em 18.01.2001
Aceito em 20.01.2001

Adiante, tentarei fornecer subsídios para que vocês próprios possam responder essas questões.

Tangará é um termo de origem tupi com registro antiquíssimo no Brasil oriental. A datação deste termo (antes de qualquer implicação científica) antecede em quase dois séculos o início formal da nomenclatura binominal, que tem (desde 1758) batizado formalmente todos os seres vivos reconhecidos e seus agrupamentos. O uso mais recuado de 'Tangará', abonado por documentação escrita, se deu em 1584, na obra do padre Fernão

Cardim[1], que conhecera o nosso litoral entre as capitanias de Pernambuco e São Vicente. Nela encontra-se a mais antiga descrição (que se tem notícia) do passarinho que conhecemos hoje, formalmente, por *Chiroxiphia pareola*[2] e de suas cerimônias pré-nupciais. Melhor dito, Cardim foi o primeiro a fazer uso do nome Tangará e a descrever (com as letras e peculiaridades de seu tempo) a dança que notabiliza o gênero *Chiroxiphia* até nossos dias.

Tangarâ. Este he do tamanho de hu pardal todo preto, a cabeça te de hu amarello laranjado mto fino naõ canta (...) tem hy genero de bailo gracioso, .s. hu deles se faz morto, e os outros o cercaõ ao redor saltando, e fazendo hu cantar de gritos estranho que se houve mto longe, e como acabaõ esta festa, grita, e dança, o q estaua como morto se aleuanta, e da hum grande asuuio, e grito, e entao todos se uaõ, e acabaõ sua festa (...)

Por todo o período colonial a ave de nome Tangará[3], ou suas variantes Tingará e Tinguará, esteve presente nas obras[4] dos missionários e escritores de língua portuguesa – Francisco Soares (1594), Jácome Monteiro (1610), Cristovão de Lisboa (1631), Ayres de Casal (1817) – acompanhada de descrições breves de sua plumagem e de sua dança. Em todas, não há dúvida que os autores referiam-se ao pássaro dançador *Chiroxiphia pareola* ou ao seu parente sulino *C. caudata*, de hábitos equivalentes.

Entretanto, um autor em particular – Georg Marcgrave – que aqui estivera como naturalista durante a ocupação holandesa no séc. XVII, a serviço do Príncipe Maurício de Nassau, utilizou o nome 'Tangara' justamente para descrever a magnífica saíra, endêmica das florestas do nordeste brasileiro, hoje conhecida como *Tangara fastuosa*[5]. O uso de Marcgrave era flagrantemente dissonante; pois, ele fora o único autor pioneiro (que colhera nomes e informações diretamente dos nativos brasileiros) a fazer uso de 'Tangara' para designar alguma outra ave que não àquelas dançadoras. Obviamente, cabe aqui perguntar: Marcgrave usou mesmo um nome indevido para descrever uma saíra? Se considerarmos os casos análogos existentes em sua obra a chance disso ter acontecido é bastante plausível[6].

---

1 O Padre Fernão Cardim, da Companhia de Jesus, autor, dentre outras obras, dos *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, chegara à Bahia em 1584 (Pinto 1979, Cardim 1980). O Tratado fora anonimamente publicado em inglês por um famoso colecionador londrino em 1625, porque havia sido pilhado em 1598 pelo pirata inglês Francis Cook. Pinto (1979:15) ressalta elogiosamente que:
"as aves referidas por Cardim são em número mais restrito do que as de Gabriel Soares; em compensação, as descrições, apesar dos defeitos e incorreções inevitáveis, mostraram-se ordinariamente muito mais completas e pormenorizadas, a ponto de nos permitirem determinar-lhes geralmente o sentido, ainda quando se haja omitido o nome daquilo a que se aplicam."
Ao todo, são descritas ou mencionadas cerca de 35 espécies. O fato de que Cardim fora reitor do Colégio da Bahia, pelo menos de 1590 a 1595, sugere como proveniente desta capitania em particular – ou do Nordeste em geral – a maior parte de suas observações naturalísticas (Pinto 1979).

2 Descrita por Linnaeus (1766) com base em *Manacus cristatus niger*, descrição não-binominal de Brisson (1760) a partir de exemplares exportados de Cayenne, possessão francesa na América do Sul. Melhor dito, Caiena, sede administrativa da Guiana Francesa.

3 A etimologia segundo Rodolpho Garcia (1913) e Teodoro Sampaio (1914) estaria na combinação de "*atá* = andar + *carã* = em volta; o que anda aos saltos, o que dança aos saltos, o pulador"

4 Compare com a compilação fornecida por Cunha (1989:278).

5 A descrição válida de *Tangara fastuosa* se deve a Lesson (1831). Os descritores pioneiros do séc. XVIII não foram hábeis em reconhecer que a 'Tangara' de Marcgrave era diferente da atual *T. chilensis* (da Amazônia) e, em menor escala, da *Tangara seledon* (da Mata Atlântica). Isso gerou uma situação curiosa, na qual as descrições disponíveis (incluindo àquela de Marcgrave) foram mescladas e resultaram no 'artificial' *Tanagra tatao* de Linnaeus (1766). Enquanto não se decidiu considerá-lo definitivamente inaplicável, esse nome foi utilizado até 1839 em lugar de *Tangara seledon*, e vigorou entre 1848 e 1910 em lugar de *Tangara chilensis* (Hellmayr 1936)

6 Existem na obra de Marcgrave precedentes que indicam terem havido inversões ou mesclas (alguns acreditam que teriam sido cometidas pelo editor!) de textos, figuras ou atribuições de nomes. Neste sentido estão os casos envolvendo *Jabiru mycteria* e *Mycteria americana*, *Pitangus sulphuratus* e *Megarynchus pitangua* (Teixeira 1992). Portanto, é sugestivo (ou indicativo?) que o 'Tiieguacu' de Marcgrave (= *Chiroxiphia pareola*) apareça retratado numa ilustração avulsa do acervo nassoviano sob o título de 'Tangara'. Essas pinturas publicadas apenas no séc. XX, mas contemporâneas e (quase sempre) correspondentes à obra de Marcgrave, não tiveram sua autoria estabelecida até o momento (Teixeira 1995a:102).



Figura 1 - Capa do livro *Historia Naturalis Brasiliae* de Georg Marcgrave

Seja como for, a polêmica sobre o autêntico significado de 'Tangara' parece ter algum interesse apenas para os brasileiros (ou lexicógrafos, naturalmente) e não poderia ser diferente. A língua tupi e o emprego de Tangará para outro grupo de aves são peculiaridades (quase) inteiramente nossas. Por outro lado, os autores de lingua inglesa ao estabelecerem há muito tempo que os nossos tangarás seriam *Manakins* e que nossas saíras seriam *Tanagers* ganharam o endosso de outras línguas que, a partir desses neologismos, os copiaram *ipsis litteris* ou criaram os seus termos correlatos (*Manneken*, *Tangaren* etc). Eles sabem que os nomes foram emprestados de outras línguas, mas saber o que cada um deles (originalmente) significava é tarefa para outra área! Uma consulta a um recente e celebrado dicionário de nomes científicos[7] permite entrever esse quadro de *transculturação* (grifo meu) na acepção dedicada ao gênero *Tangara*: *Tupi (Brazilian) Indian name tangara for a multicoloured, finch-like bird.* Esse dicionário não surpreendeu ao afirmar que *Tangara* serve para designar passarinhos providos de muitas cores, mas isso é bem diferente do que ensinar sobre o legítimo significado do termo tupi.

Permanecendo em algum lugar, a (nossa) legítima e genuína indagação, não há dúvidas que o uso de Marcgrave foi decisivo para a disseminação universal (e irreversível) do tupi 'Tangara' como um *bem-intencionado* nome de todas as saíras que hoje conhecemos. A obra de Marcgrave foi sem tardar publicada na Europa[8] e gozou de ampla repercussão nos meios eruditos, enquanto as obras[9] dos religiosos portugueses, aqui mencionadas, deixaram de ser manuscritos para se tornarem livros apenas nos séculos XIX e XX[10].

Tal qual acontecera com outros nomes[11] de Marcgrave, 'Tangara' fora escolhido para batizar um dos 115 gêneros presentes na obra *Ornithologie* do francês Brisson (1760). Este autor fizera uso de exemplares da atual *Tangara chilensis* para caracterizar o seu gênero *Tangara*[12], presumivelmente oriundos da Guiana Francesa e presentes no museu particular do seu compatriota René-Antoine Réaumur, da qual era curador. Nos anos seguintes, o sueco Carolus Linnaeus, fundador da nomenclatura binominal, instituiu em duas

7 Jobling (1991:230)

8 As fartas observações acumuladas, no campo da zoologia e da botânica, foram magistralmente reunidas na obra *Historia Rerum Naturalis Brasiliae*, em oito livros ou partes, organizada por Johannes de Laet e publicada em Amsterdam no ano de 1648. Haveria registrado o sábio francês Cuvier (*apud* Sick 1997:48) que Marcgrave teria sido "o mais hábil, o mais exato de quantos tenham descrito a história natural dos países remotos durante os séculos XVI e XVII". Esta obra foi por mais de 150 anos a "única fonte fidedigna disponível sobre a fauna brasileira" (Teixeira 1992).

9 Muitos dos escritos quinhentistas ou seiscentistas do ciclo de "cronistas e missionários" que de alguma maneira trataram da história natural do Brasil foram omitidos pelos naturalistas europeus, em verdade, porque não se tornaram conhecidos em seu tempo ou porque não reuniam descrições capazes de serem aproveitadas. Melhor razão apresenta Câmara Cascudo (1956), astuciosamente, quando lembra ainda que os naturalistas do conde de Nassau escreveram em latim, a língua culta da época, enquanto diversos dos cronistas dos primeiros séculos o fizeram em português.

10 A obra de Fernão Cardim foi publicada 263 anos depois de escrita; Francisco Soares, 329; Cristovão de Lisboa, 336; Jácome Monteiro, 339; apenas Ayres de Casal viu sua 'corografia' impressa em seu tempo.

11 Mathurin-Jacques Brisson (1723-1806) tirou proveito, por exemplo, dos adoráveis nomes tupis da obra de Marcgrave para batizar os gêneros *Anhinga*, *Anhima*, *Cariama* e *Jacana*. A sua obra não seguiu *in totum* o sistema lineano de nomenclatura binominal, embora isso não pareça evidente ao primeiro contato. Brisson fizera uso das mesmas bases greco-latinas para formar os nomes, mas empregava um número variável de palavras julgadas necessárias para caracterizar (batizar) uma ave. Os nomes não-binominais de 'espécies' brissonianas foram prematuramente rejeitados, mas a autoria sobre seus nomes genéricos foi, ao longo da história, alternadamente creditadas e rejeitadas. Veja a nota 16.

12 A validade dos nomes latinizados da nomenclatura zoológica não é afetada por impropriedades meramente qualificativas. Um nome científico não é tornado inválido quando se descobre que a presunção de origem geográfica foi equivocada (Entre nós são bons exemplos: *Oryzoborus angolensis, Caryothraustes canadensis, Zonotrichia capensis, Tangara peruviana* etc); quando em vez de branco é negro; quando em vez de veloz é lento; enfim, *Tangara* de Brisson não é afetado mesmo que se comprove que o nome tupi (em última instância) tão somente se referia a outro grupo de espécies. O Artigo 18 da última edição do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN 1999) é mandatório: "A disponibilidade de um nome não é afetada por impropriedade ou tautonímia".



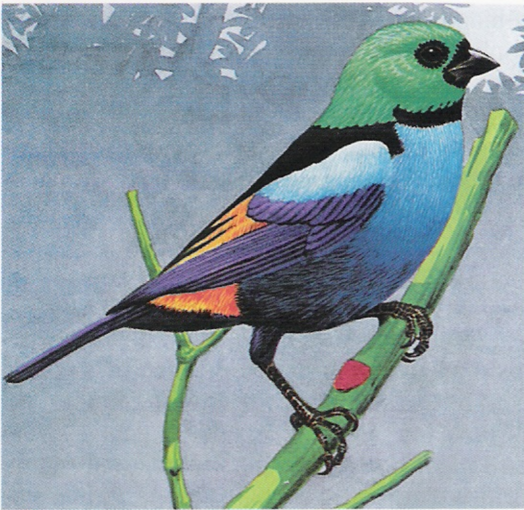




Figura 1 - À esquerda, acima: Tangará-dançador (*Chiroxiphia caudata*). (Foto: M. F. Vasconcelos)

Figura 2 - À esquerda, ao meio: Pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*) (Desenho: Robert Gilmour)

Figura 3 - À esquerda, abaixo: Saíra-lagarta (*Tangara desmaresti*) (Foto: Edson Endrigo)

Figura 4 - Abaixo: Saíra-amarelo (*Tangara cayana*) (Foto: Edson Endrigo)



oportunidades distintas o gênero *Tanagra*, de insuspeitas afinidades, mas que reunia cada qual espécies e caracteres não exatamente concordantes com aqueles propostos por Brisson[13]. Desse nome sutilmente adulterado, decidiu o inglês John Latham, em 1781, criar o equivalente 'Tanager', que designa até hoje como nome vernacular (coletivo) da língua inglesa uma boa parte das espécies da subfamília Thraupinae. Contudo, subsiste uma incerteza[14], Linnaeus teria invertido deliberadamente o nome 'Tangara'? É mesmo o nome de Linnaeus apenas um anagrama imperfeito de *Tangara*?

Os três gêneros *Tangara* Brisson 1760, *Tanagra* Linnaeus 1764 e *Tanagra* Linnaeus 1766 (as descrições de Linnaeus, a despeito da homonímia, eram independentes) experimentaram uma trajetória conturbada em termos de validade nomenclatural, repletas de idas e voltas nas decisões sobre a aplicabilidade dos nomes[15]. É por isso que em várias obras referenciais da primeira metade do século XX, é possível encontrar as saíras, propriamente ditas, reunidas sob o gênero *Calospiza* G. R. Gray 1841. Fechando toda essa complexa história é importante registrar que apenas *Tangara* Brisson 1760 foi conservado[16] e hoje abrange não menos de 49 espécies distribuídas por larga faixa da região Neotropical. É igualmente destacável que nenhum outro gênero na América do Sul (45) o supera em termos de número de espécies, conquanto no Brasil (21) ele perde para o gênero *Myrmotherula* (28) de pequenos papa-formigas.

Esses poucos parágrafos tiveram a intenção de demonstrar que a similaridade entre *Tangara* e o nosso nome tupi Tangará não existia por um mero acaso. Casos similares nos quais nomes são empregados em sentido diverso daquele original são bem conhecidos dos dicionaristas, mas poucas vezes são percebidos por estes quando dependem de um conhecimento mais especializado. Eis aqui mais um de nossos papéis!

Esta nota é dedicada ao meu amigo ornitólogo, Fernando Costa Straube – digno amante das questões linguísticas.

Agradecimentos

Ao biólogo Marcelo Ferreira de Vasconcelos e ao fotógrafo Edson Endrigo pelas fotos gentilmente cedidas. Ao Robert Gilmour, da BirdLife International, Inglaterra, pelo desenho do *Tangara fastuosa*, que ilustrou anúncio da British World Birdwatching Fair de 1999 e ajudou a arrecadar fundos para a conservação da Mata Atlântica. 

13 *Tanagra* Linnaeus 1764 teve por tipo (apenas por subseqüente e arbitrária designação) a sua *Fringilla violacea* Linnaeus 1758 (a nossa atual *Euphonia violacea*) e, por isso, foi utilizado para reunir o 'grupo natural' dos gaturamos por diversos períodos. Por outro lado, *Tanagra* Linnaeus 1766 tinha por tipo (por eliminação) *Tanagra sayaca* ou *T. episcopus* e preteriu temporariamente o atual gênero *Thraupis*.

14 Nos primórdios da nomenclatura binominal, não era a praxe que os autores indicassem a etimologia dos nomes novos propostos. Muitos dos significados disponíveis foram tão somente inferidos muito mais tarde. O laconismo das descrições e o 'sentido legalizador' dos nomes propostos por Linnaeus e seus seguidores são marcas desse período (Pacheco 1997). Goeldi (1900:662) em seu 'glossário explicativo de nomes genéricos' julgou que para o gênero *Tanagra*, o sábio sueco Linnaeus havia adotado o nome indígena 'Tangara', empregando-a com inversão de letras. É preciso considerar a possibilidade do nome ser um epônimo, propriamente derivado de Tanagra, da mitologia grega, filha de Aeolus e Aenarete (Hamilton 1940). Essa princesa já emprestara o seu nome a uma importante e antiga cidade da Beócia (Grécia), famosa por suas numerosas esculturas de terracota. Interessantemente, Teixeira (1995b) discutiu os indícios de associação (até então obscuros) entre *Penelope* Merrem 1786 (gênero de jacus) e os atributos da princesa grega Penelope, esposa de Ulysses.

15 Ambos os gêneros *Tanagra* Linnaeus 1764 e *Tanagra* Linnaeus 1766, tornaram-se definitivamente indisponíveis, porque foram (irrevogavelmente) suprimidos por decisão plena da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN opinion 852, 27 Sep.1968).

16 Uma decisão da Comissão (ICZN direction 16, 27 Jun. 1955) revogou disposições anteriores e tornou, para efeitos da nomenclatura zoológica, disponível todos os nomes genéricos das pp. 26-61 do volume I da obra de Brisson (1760).

Referências Bibliográficas

Brisson, M. J. 1760. *Ornithologia sivi synopsis methodica sistens avium divisionem in ordines sectiones, genera, species, ipsarumque varietates. Cum accurata cujusque speciei descriptione, citationibus auctorum de iis tractantium, nominibus eis ab ipsis e nationibus impositis, nominibusque vulgaribus*. 6 vol. Paris: Cl. Joannem-Baptistam Bauche.

Cardim, F. 1980 [1625]. *Tratados da terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. [Coleção Reconquista do Brasil, 2ª. sér., v. 13].

Cascudo, L. C. 1956. *Geografia do Brasil Holandês*. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, RJ.

Cunha, A. G. 1989. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 3. ed. Melhoramentos. São Paulo, SP.

Garcia 1913. *Nomes de aves em língua tupi (contribuição para a lexicographia portuguêsa)*. Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. Rio de Janeiro, RJ.

Goeldi, E. A. 1900. *As aves do Brasil*, 2ª parte. Livraria Clássica de Alves & Cia. Rio de Janeiro, RJ.

Hamilton, E. 1940. *Mythology: timeless tales of gods and heroes*. Mentor. New York.

Hellmayr, C. E. 1936. Catalogue of Birds of the Americas and the adjacent islands in Field Museum of Natural History. Part IX. *Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.* 13:1-458. [Publ. 365].

ICZN 1999. *International Code of Zoological Nomenclature*. Fourth Edition. International Commission on Zoological Nomenclature. London.

Jobling, J. A. 1991. *A dictionary of scientific bird names*. Oxford University Press. Oxford.

Lesson 1831. *Centurie Zoologique, ou choix d'animaux rares, nouveaux ou imparfaitement connus*. F. G. Levrault. Paris.

Linnaeus, C. 1758. *Systema naturae per regma tria nature*. Editio decima. Laurentii Salvii. Stockholm.

Linnaeus, C. 1764. *Museum S. R. M. Adolphi Friderici regis Svecorum...in quo rariora, imprimis, et exotica: aves, amphibia, pisces describuntur.* Tomi secvundi prodomvs. Laurentii Salvii. Stockholm.

Linnaeus, C. 1766. *Systema naturae per regma tria nature*. Editio duodecima. Laurentii Salvii. Stockholm.

Pacheco, J. F. 1997. Boddaert, o autor de quase cinquenta espécies de aves do Brasil que não descreveu nenhuma delas! *Bol. Soc. Bras. Orn.*, Belém 29:3-5.

Pinto, O. M. O. 1979. *A ornitologia do Brasil através das idades (século XVI a século XIX)*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. [Brasiliensia Documenta XIII].

Sampaio, T. 1914. *O tupi na geographia nacional, memória lida no InstitutoHistorico e Geographico de S. Paulo*. 2. Ed. cor. e augm. Empresa typographica editora "O Pensamento". São Paulo, SP.

Sick, H. 1997. *Ornitologia Brasileira*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, RJ.

Teixeira, D. M. 1992. As fontes do Paraíso – Um ensaio sobre a Ornitologia no Brasil Holandês (1624-1654). *Rev. Nord. Biol.* 7(1/2):1-149.

Teixeira, D. M. 1995a. A imagem do paraíso: uma iconografia do Brasil Holandês (1624-1654) sobre a fauna e flora do novo mundo. p. 89-103. *Em*: C. Ferrão e J. P. Monteiro Soares (eds.) *Brasil Holandês/ Dutch Brazil*. Ed. Index. Rio de Janeiro, RJ.

Teixeira, D. M. 1995b. Why the neotropical guans were named *Penelope*. *Bull. Brit. Orn. Cl.* 115(4):261-262